

# “Discordo da privatização de empresas estratégicas como a TAP e a CGD”

**Vitor Ramalho** O histórico socialista e dirigente da UCCLA, União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, entende que se Mário Soares fosse o Presidente da República “teria evitado que a situação política apodrecesse”

## Entrevista

Cristina Ferreira Texto

Rui Gaudêncio Fotografia

Vitor Ramalho, que afirma ter “uma dupla pertença” portuguesa e angolana, considera António Mosquito “creível” para comprar 51% do *Diário de Notícias*, negócio que o empresário “não confirmou, mas também não desmentiu”. Para o ex-deputado do PS, soarista por convicção e fidelidade, o investimento de Angola em Portugal é desejável dada a circulação de pessoas e capitais que existe hoje entre os dois países. O dirigente da UCCLA esclarece que o orçamento anual da instituição, de 2,5 milhões de euros, é “muito bem empregue” a promover o desenvolvimento de regiões onde se fala português. Sobre o actual quadro nacional lembra que Mário Soares só se recandidatou a Belém por saber que a crise se aproximava e que “Cavaco Silva poderia deixar o barco andar à deriva e não agiria a tempo”.

Em Junho deste ano a comunicação social noticiou que o empresário angolano António Mosquito estaria em negociações para adquirir 51% do *Diário de Notícias*. Tendo em conta que António Mosquito é seu amigo, considera-o confiável para vir a controlar uma empresa que opera num sector sensível e apetecível para quem pretenda utilizá-lo para fins pessoais?

António Mosquito é um empresário angolano prestigiado, que não surgiu na última hora. É proprietário de um grupo sólido, com actividade em vários sectores e países, um deles os EUA. António Mosquito trabalhou com o meu pai e outros amigos na terra onde nasci, em Angola, a Caála que adoptou como sua. É uma pessoa grata e solidária e ao ler na comunicação social que poderia estar a negociar a compra do *Diário de Notícias*, contactei-o para saber o que se passava. O que

bilaterais luso-angolanas?

Positivamente. Mas agora muito mais centradas na componente económica. Podia-se e devia-se ir mais longe, mas, infelizmente, falta uma estratégia. Hoje, em Portugal pensa-se pequenino. O congresso dos quadros que foi a antecâmara de Bicesse foi também o pano de fundo que criou as condições para o acordo entre o MPLA e a UNITA e de aprofundamento afectivo das nossas relações com Angola, o que veio a ser muito importante. A comunidade portuguesa em Angola é actualmente muito relevante, o que não é uma questão menor no contexto da crise que atravessamos. Portugal tem também importantes interesses económicos em Angola, tal como Angola em Portugal. Não se pode neste domínio pedir com uma mão o que se nega com a outra.

Mas há quem considere, e os sinais vêm da imprensa angolana, que as relações bilaterais nunca estiveram tão tensas...

Não é essa a minha visão, ainda que considere que no quadro mais geral, das relações com todos os povos e países da nossa faixa estrategica, como lhe referi. Trata-se igual o que é diferente. Por exemplo, devia haver, mas não existe, um membro do Governo com dignidade ministerial e com competência exclusiva para a lusofonia. Temos em comum a sexta língua mais falada do mundo, os nossos países integram-se em espaços económicos relevantes, as potencialidades de afirmação são imensas: os povos e países lusófonos têm um papel não negligenciável.

Passou pela Casa dos Estudantes do Império, de onde saíram os grandes dirigentes africanos do espaço lusófono. Qual é a memória que tem desse tempo? A Casa dos Estudantes do Império foi uma instituição criada pelo regime anterior para acolher os

voltar a fazer numa visita recente a Angola. Não me confirmou a notícia, mas também não a desmentiu.

Mas veria com bons olhos a venda daquele diário a António Mosquito?

Como empresário ele tem todo o direito de concretizar o negócio nos media. Aliás, o DN pertence a um grupo português privado. Em Angola há também interesses portugueses no mesmo sector. Quanto maior liberdade de circulação de capitais e pessoas existir entre os nossos países melhor. Não se esqueça que, em Portugal, quando o primeiro canal generalista de televisão foi aberto a iniciativa privada um grupo brasileiro tomou uma posição significativa e foi considerado positivo.

Não o preocupa a crescente influência de investidores angolanos na comunicação social portuguesa?

Sempre afirmei a minha dupla pertença - angolana e portuguesa. É na lógica dos media controlados por privados, acho positivo. Já é diferente quando a questão se coloca nos canais públicos de televisão.

No início da década de noventa foi um dos co-organizadores do congresso de quadros angolanos no exterior e que juntou mais de duas mil pessoas na FIL. O encontro foi o pano de fundo dos acordos de Bicesse. Duas décadas depois como avalia as relações

**“António Mosquito [dado] como potencial interessado no *Diário de Notícias*] é um empresário angolano prestigiado, que não surgiu na última hora”**





estudantes das ex-colónias que vinham frequentar em Portugal o ensino superior. Nos anos 60, ao iniciarem-se os processos de descolonização em África, foram esses estudantes que ergueram a bandeira da autodeterminação dos territórios de que eram originários. Foi na casa dos Estudantes do Império, exemplarmente descrita por Pepetela [...] na "Geração da Utopia", que "nasceram" grandes escritores e também políticos que acabaram por dirigir os partidos e movimentos de libertação e mais tarde os países soberanos de que eram originários. E lembro, para além do Pepetela, Alda do Espírito Santo, Rui Mingas, Craveirinha, Costa Andrade e, também, Arnílcar Cabral, Chissano, Gentil Viana, Agostinho Neto, Mário de Andrade. No final de 1960, saíram clandestinamente de Portugal, para se envolverem na luta de libertação das ex-colónias, mais de 120 estudantes [da Casa dos Estudantes do Império] e, todos eles, irmãados na mesma luta dos estudantes portugueses. Os objectivos eram, no fundo, os mesmos. Infelizmente o que representou não tem sido suficientemente divulgado. É uma omissão inaceitável.

Como secretário-geral da UCCCLA - União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa qual tem sido a sua ação? No final do mês passado estive em Angola e sugeri às autoridades, incluindo ao vice-presidente da República Manuel Vicente, que fosse promovida uma homenagem em Lisboa a esses então jovens e à própria Casa dos Estudantes do Império, encerrada pela PIDE após a sua fuga. O que lhe disse Manuel Vicente? Acolheu bem a sugestão. E tentou, agora, concertar esforços entre todos os nossos países para que a homenagem ocorra em 2014. Não há futuro sem memória. É da maior importância deixar às gerações futuras esse legado.

Qual é o balanço que faz da sua acção na UCCCLA? A UCCCLA foi precursora da CPLP. O balanço da sua actividade é muito positivo porque muitas cidades do mundo da nossa fala, desde Díli a Bissau, beneficiaram e beneficiam da sua actividade em domínios que vão da área social à económica. Consegue dizer-me quanto

#### **custa manter a UCCCLA?**

Muito pouco. A UCCCLA vive das contribuições dos associados (câmaras e empresas) com pequenas quotizações anuais mas também de candidaturas que apresenta a instâncias nacionais e internacionais.

#### **Mas qual é o orçamento anual? Da ordem de 2,5 milhões de euros, já contabilizando a despesa corrente.**

Tem ideia do retorno dos investimentos realizados pelos vários países? Os resultados são não só positivos, mas também reprodutivos e geradores de empregos em vários domínios, nomeadamente de empreendedores ou no saneamento básico. Vê-se e sente-se o que é feito. Aqui, na UCCLA, o dinheiro não é mal empregue.

#### **No actual contexto de crise que se vive em Portugal este é um projeto que continua a fazer sentido?**

Todo o sentido.

Como é que assiste, e assistiu, aos recentes acontecimentos políticos?

Negativamente e sentindo que o quadro se agrava com a descredibilização da política, dos políticos e da própria democracia. O caminho que estamos a seguir é perigosíssimo. Na verdade, chegámos ao grau zero da politiquice, o que é bem diferente da Política com P grande, a arte mais complexa e aliciante que existe, se desenvolvida com espírito de servir. Os partidos políticos deixaram de ter uma bússola ideológica assente em princípios e valores, e aceitam o carreirismo militante, sobrevalorizando-o. A ligação à sociedade perdeu-se. Hoje existe medo, descrença no futuro. A política já não atrai os melhores.

A política de alianças e de uma maior clarificação política sobre o rumo de marcha que o país deve seguir são também domínios que priorizo no quadro actual de exigência de clareza. Quanto a António José Seguro digo-lhe o que é óbvio. Em democracia tudo se afere pelos resultados eleitorais e o líder do PS ainda não teve oportunidade de dirigir o partido em eleições nacionais. Confio que alcançará sucesso nelas, incluindo

É dentro dos partidos que se tem de lutar para alterar este estado de coisas, combatendo com coragem os sindicatos de voto - a arregimentação de falsos militantes ou militantes de ocasião -, que votam internamente em quem os recrutou com esse exclusivo objectivo. Não há democracia sem partidos, não há volta a dar.

Tem tomado posições críticas em relação à estrutura e ao perfil das actuais organizações sindicais, incluindo as ligadas ao PS, de que é militante. Por que é que dá tanta importância a esta questão?

Porque a tem. Há hoje, com as concepções neoliberais, uma cruzada cega contra os direitos sociais, inaceitável, o que se traduz, mesmo, num retrocesso civilizacional. Mas os novos desafios exigem novas respostas, alargando-se a base organizativa e sustentando politicas que respondam ao flagelo do desemprego e não apenas ao emprego. A organização partidária é uma questão política e não administrativa.

Pertence ao núcleo de dirigentes do PS que têm criticado as posições oficiais de Seguro. Acredita que ele está à altura dos desafios?

Todo o homem livre e que se preza de o ser pensa pela sua cabeça no quadro dos princípios políticos de que não deve abdicar. Sucedeu que o PS é um partido de gente livre. Sempre que me pronuncio criticamente sobre esta ou aquela posição tomada pelo PS, faço-o nos locais próprios e não hesito. Daí condenar os sindicatos de voto que castram a liberdade e arregimentam a militância para a mera conquista interna do poder, desprezando a defesa das causas e dando lugar a organizações "aparelhísticas" que divorciam os cidadãos dos partidos inclusive no combate a este desgoverno.

A política de alianças e de uma maior clarificação política sobre o rumo de marcha que o país deve seguir são também domínios que priorizo no quadro actual de exigência de clareza. Quanto a António José Seguro digo-lhe o que é óbvio. Em democracia tudo se afere pelos resultados eleitorais e o líder do PS ainda não teve oportunidade de dirigir o partido em eleições nacionais. Confio que

já as próximas autárquicas. O que pensa das privatizações da CGD, da TAP e dos Correios? Negativamente. Discordo. Mas os constrangimentos do país não as tornam inevitáveis? Não me venha com essa história! Aliás, mal contada, de que isso resulta do memorando de entendimento que o PS subscreveu. Os eleitores condenaram o PS, também, por isso, e não nos reelegeram para continuarmos no Governo. O memorando previu receitas de privatizações de cinco mil milhões de euros. Ora, as privatizações da REN, da ANA e da EDP somaram seis mil milhões... O Governo tem demonstrado ser mais papista que o Papa e acrescentou, logo na primeira avaliação da troika, a privatização da Parpublica, do sinal da RTP, das Águas de Portugal e já se fala da CGD... Há empresas que são estratégicas e instrumentos de sabedoria do Estado. É o caso das que citei e da TAP e dos CRT. Qualquer delas é um absurdo. Estão a vender o país a ratalho. Vamos pagar bem caro já a curto prazo.

Toda a gente sabe que é um

dos maiores amigos de Mário Soares. Como é que Soares, se estivesse em Belém, actuaria nesta crise?

No dia em que fez 80 anos e se

promoveu uma homenagem na

FIL, no seu discurso afirmou

"basta", dando a entender que

ia abrandar a sua actividade

partidária, interpretando-

se a afirmação como não se

candidatando. E, mais tarde,

quando se candidatou, perguntei-lhe a razão da incoerência. Sabe

o que me respondeu: que admitia

estar-se a aproximar do país

uma crise gravíssima e ele, que

conhecia bem o dr. Cavaco Silva,

estava preocupadíssimo se viesse

a ser eleito. Achava que perante

essa eventual crise, ele poderia

deixar o barco andar à deriva e não

agir a tempo, isto, dadas as suas

características. Não duvido, nem

um segundo, que assumiu uma

posição patriótica e de exigência

perante os seus concidadãos

ao candidatar-se, embora isso

não tenha sido entendido.

Rapidamente passou por cima do

facto de não ter ganho as eleições.

Do que conheço de Soares, se

tivesse sido eleito procuraria

a tempo evitar que a situação

apodrecesse.

**“Há hoje, com as concepções neoliberais, uma cruzada cega contra os direitos sociais, inaceitável, o que se traduz, mesmo, num retrocesso civilizacional”**

O que pensa das privatizações da CGD, da TAP e dos Correios?

Negativamente. Discordo. Mas os constrangimentos do país não as tornam inevitáveis?

Não me venha com essa história! Aliás, mal contada, de que isso resulta do memorando de entendimento que o PS subscreveu. Os eleitores

condenaram o PS, também, por isso, e não nos reelegeram para continuarmos no Governo. O memorando previu receitas de privatizações de cinco mil milhões de euros. Ora, as privatizações da REN, da ANA e da EDP somaram seis mil milhões... O Governo tem

demonstrado ser mais papista que o Papa e acrescentou, logo na primeira avaliação da troika, a privatização da Parpublica,

do sinal da RTP, das Águas de Portugal e já se fala da CGD... Há empresas que são estratégicas e instrumentos de sabedoria do

Estado. É o caso das que citei e da TAP e dos CRT. Qualquer delas é um absurdo. Estão a vender o país a ratalho. Vamos pagar bem caro já a curto prazo.

Toda a gente sabe que é um dos maiores amigos de Mário Soares. Como é que Soares, se estivesse em Belém, actuaria nessa crise?

No dia em que fez 80 anos e se promoveu uma homenagem na FIL, no seu discurso afirmou "basta", dando a entender que ia abrandar a sua actividade partidária, interpretando-se a afirmação como não se candidatando. E, mais tarde, quando se candidatou, perguntei-lhe a razão da incoerência. Sabe o que me respondeu: que admitia estar-se a aproximar do país uma crise gravíssima e ele, que conhecia bem o dr. Cavaco Silva, estava preocupadíssimo se viesse a ser eleito. Achava que perante essa eventual crise, ele poderia deixar o barco andar à deriva e não agir a tempo, isto, dadas as suas características. Não duvido, nem um segundo, que assumiu uma posição patriótica e de exigência perante os seus concidadãos ao candidatar-se, embora isso não tenha sido entendido.

Rapidamente passou por cima do facto de não ter ganho as eleições. Do que conheço de Soares, se tivesse sido eleito procuraria a tempo evitar que a situação apodrecesse.